

“A minha lavadeira na janela”: a incorporação do prosaísmo e do humor na poesia romântica

Francilda Araújo Inácio ^[1], Girlene Marques Formiga ^[2].

[1] araujo.francilda@gmail.com ; Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba – Campus Campina Grande. [2] gformiga@uol.com.br ; Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa.

RESUMO

Álvares de Azevedo foi o primeiro romântico a conferir ao prosaico categoria poética, ao utilizar a ironia como técnica poética e ao incorporar, tanto aos versos como à prosa, elementos da experiência cotidiana, como o faz, por exemplo, com imagens consideradas essencialmente poéticas. A poetização do prosaico ocorre na obra azevediana, não apenas por exigência de uma personalidade contraditória, mas como execução de um programa conscientemente traçado, de reivindicação de uma poética dual que possibilitasse o trânsito binômico de diferentes registros linguísticos. Desse modo, ele conseguiu antecipar características fundamentais do Modernismo, como, por exemplo, o privilégio do cotidiano e a ruptura da primazia do poético sobre o prosaico. Essas conquistas, em Álvares de Azevedo, estavam baseadas em um projeto de pensamento motivado pela abolição do mundo transcendente que servia de modelo para o nosso, o que possibilitou levar a sua poesia em direção à vida concreta e terrena. O presente texto tem como objetivo analisar, em Álvares de Azevedo, esse processo de incorporação de elementos prosaicos e do humor à poesia que o levou, num certo sentido, a caminhos distintos aos de outros poetas românticos da segunda geração do nosso Romantismo.

Palavras-chave: poesia, Álvares de Azevedo, prosaísmo, humor, desidealização, romantismo

ABSTRACT

Álvares de Azevedo was the first Brazilian Romantic writer to confer poetic category on prosaicness by using irony as poetic technique and by incorporating elements of daily experience into verses and prose, as he does, for instance, with images considered essentially poetical. Poeticization of prosaicness occurs in Azevedo's works, not only due to requirement of a contradictory personality, but as fulfillment of a program consciously outlined, of a poetical dual claim that enabled the binomial transfer of different linguistic registers. In this way, he managed to anticipate fundamental characteristics of Modernism as, for example, the privilege of dailiness and the primacy breakdown of poetic feature over prosaicness. These achievements, in Álvares de Azevedo, were based on a thought project motivated by the end of the transcendental world that served as model for ours. This led his poetry to concrete and terrestrial life. The present text aims at analyzing, in Álvares de Azevedo, this process of incorporating prosaic and humor elements into poetry that led him, in a certain way, to distinct routes from those of other romantic poets of the second generation of our Romanticism.

Keywords: poetry, Álvares de Azevedo, prosaicness, humor, deglamorization, romanticism.

1 Introdução

Segundo esclarece o Prefácio da segunda parte de *Lira dos Vinte Anos*, o esgotamento da temática amorosa e do idealismo teria favorecido a recorrência de temas ligados à realidade prosaica, a quem se seguiria o cômico e o risível. Nesse contexto, Álvares de Azevedo demonstra uma capacidade incomum no meio ultra-romântico: a de problematizar o seu estereótipo, ao desenvolver uma gostosa veia humorística e sarcástica, que “submete às próprias obsessões românticas a desmistificações prosaicas, num inesperado exemplo brasileiro de ‘ironia romântica’ (MERQUIOR, 2000, p.96; CAMILO, 1997, p.56/ 70), que, historicamente, vem assinalar o grau de corrosão alcançado pela corrente sentimental do movimento, o romantismo *fashionable* contra o qual ele investe na segunda parte de *Lira*....

Candido (2000, p. 83) destaca como um traço importante da poesia de Álvares de Azevedo o gosto pelo prosaísmo e o humor, para ele, formadores de uma vertente “para nós mais moderna do Romantismo”. Essa vertente estabelece uma oposição relativa ao sentimentalismo e ao desalento, objetivando o aparecimento das contradições, ora no mesmo texto, ora em textos diferentes. Ainda sobre o humor azevediano, Romero (1980, p. 951.) chega a reconhecer nele uma “bela manifestação da alma moderna”, uma novidade diante da tradição literária luso-brasileira, como assinala no trecho a seguir:

O humorismo é também novo, e é a primeira vez que aparece na poesia brasileira essa bela manifestação da alma moderna.[...] O *humour* à inglesa e alemã nós não cultivamos jamais, nem Portugal tão pouco. O primeiro que o exprimiu em nossa língua foi Álvares de Azevedo, profundamente lidos nas literaturas do Norte. O *humour* é diverso da vis cômica, do espírito e da sátira, ainda que possa ter com eles alguma analogia. A comédia é o riso com certa malignidade; o espírito é a graça, a pilhéria para divertir; a sátira é um castigo empregado como tal, mostrando cólera. O *humour* é uma especial disposição da alma que procura em todos os fatos o lado contrário, sem indignação. Requer finura, força analítica, filosofia, ceticismo e graça num *mixtum compositum* especialíssimo, que não anda por aí a se baratear. Azevedo o possuiu até certo ponto.

A incorporação do prosaísmo e do humor à criação poética de Álvares de Azevedo assume um papel de destaque, enquanto tendência inovadora para viabilizar a fluência de um diálogo, de um trânsito crítico entre os códigos estéticos distintos, de linguagens diferenciadas. O poema “É ela! É ela! É ela! É ela!” destaca-se por discutir os gêneros artísticos, expondo a necessidade de encontrar um estilo novo que representasse satisfatoriamente o prosaísmo.

É ela! É ela! É ela! É ela!

*É ela! É ela – murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou – é ela!
Eu a vi minha fada aérea e pura –
A minha lavadeira na janela!*

*Dessas águas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!*

*Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morpheu nos braços!*

*Como dormia! Que profundo sono
Tinha na mão o ferro engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!*

*Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...*

*Oh! De certo...(pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores;
São versos dela... que amanhã de certo
Ela me enviará cheio de flores...*

*Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Othelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...*

*É ela! É ela – repeti tremendo;
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! Meu Deus! Era um rol de roupa suja!*

*Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela, – eu mais te adoro
Sonhando-te lavar as camisinhas!*

*É ela! É ela – meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! É ela – murmurei tremendo
E o eco ao longe suspirou – é ela!*

Embora o confronto não se aproxime do dilaceramento ou das perplexidades conflituosas, o texto é um todo organizado no sentido de fundir dialeticamente num mesmo espaço textual dois quadros distintos: por vezes a mulher é mergulhada num universo poético idealizado, distante, tão logo rompido mediante sua projeção no mundo real, banal e apoético. Metáforas se cruzam, unindo o prosaísmo da lavadeira que “roncava” ao tom solene da “fada aérea/ maviosa e pura”.

E assim prossegue: a mulher é focalizada de um ponto de vista da realidade concreta: em seu quarto, o ronco da lavadeira (1ª estrofe); a visão da lavadeira estendendo os “vestidos de chita” (2ª estrofe); o desmaio apaixonado diante do roncar da amada (4ª estrofe); a “doce página/ Onde a alma derramou gentis amores” torna-se uma lista de roupa suja (6ª estrofe); e ainda a comparação entre a imagem da heroína Carlota, “dando pão com manteiga às criancinhas” com a da lavadeira “a lavar as camisinhas”. (9ª estrofe).

Na 8ª estrofe, a coruja – ave em muito distinta do “sabiá” e das “aves que aqui gorjeiam”, e em nada relacionável ao idílio amoroso — alegoriza o mau presságio, confirmado, em seguida, pela decepção sofrida pelo eu-lírico. A ave agourenta vem dar o tom do prosaico, jogando o eu-lírico à realidade das “roupas sujas”. O suposto bilhete de amor insere-se na questão como símbolo de uma escrita de negação ao derramamento de “gentis amores”; o assunto do prosaico escrito é outro: liga-se às necessidades utilitárias da vida cotidiana, ao trivial, às obrigações diárias de uma simplória lavadeira.

Se considerarmos a perspectiva de ser o poema uma discussão metalinguística acerca dos gêneros artísticos, não podemos deixar à margem as alusões à literatura consagrada, erudita, canônica, mediante heroínas de Goethe, Shakespeare, Dante e Petrarca, comparadas no poema à lavadeira, reivindicando,

assim, o trânsito do prosaico na arte, através do diálogo entre o elevado e o baixo.

Outro poema azevediano que reflete uma atitude irônica diante das convenções relativas ao idílio amoroso romântico é o coloquial “Namoro a cavalo”, no qual o código do amor cortês é exposto ao ridículo, a ponto de provocar o riso. Em função das diferenças sociais existentes entre os namorados, a ida ao encontro da amada torna-se desastrosa, pois, para chegar ao bairro do Catumbi, onde mora a moça, o eu-poético teria que dispor de uma quantia bem maior que três mil réis que lhe permitiram alugar um cavalo que, (...) “ignorante de namoro/ Entre dentes tomou a bofetada/ Arrepiase, pula, e dá-me um tombo/ Com pernas para o ar, sobre a calçada...”. Em decorrência do tombo, a vexatória “circunstância agravante”: [...] “A calça inglesa/Rasgou-se no cair de meio a meio,/ O sangue pelas ventas me corria/ Em paga do amoroso devaneio!...” (p. 243).

No poema “Meu Anjo”, observa-se a utilização dos termos comparantes das metáforas e comparações, que, buscadas anteriormente em esferas transcendentais, passam, no decorrer do poema, a ser extraídas do ambiente próximo, concreto.

Meu anjo

*Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontânea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pêlo sedoso dos arminhos*

*Triste de noite na janela a vejo
E de seus lábios o gemido escuto.
É leve a criatura vaporosa
Como a froixa fumaça de um charuto.*

*Parece até que sobre a fronte Angélica
Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bela no vapor do meu cachimbo.*

*Como o vinho espanhol, um beijo dela
Entorna ao sangue a luz do paraíso
Dá morte num desdém, num beijo vida,
E celestes desmaios num sorriso!*

*Mas quis a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ela fosse leviana e bela
Como a leve fumaça de um charuto!*

Nas duas primeiras estrofes, especialmente na 1ª, o tratamento dedicado à mulher é tipicamente romântico: “seios alvos, tão macios” até que sua leveza seja comparada à da “froixa fumaça de um charuto”, entre tantas outras passagens em que, no plano lexical, a aproximação com o cotidiano se dá por meio da utilização de vocábulos comuns aos ambientes prosaicos: cachimbo, charuto, vinho, com os quais o “anjo” é comparado. Deste modo, a angelização da mulher vai de encontro ao prosaísmo dos elementos responsáveis pela satisfação de prazeres profanos. Mas se misturam no universo textual, configurando-se ambos instrumentos de prazer para o eu-lírico.

Em sentido semelhante, o soneto “Passei ontem a noite junto dela” apresenta um movimento interno de desconstrução de uma atmosfera em que prevalecem imagens etéreas, em detrimento da materialidade de um amor mais carnal.

*Passei ontem a noite junto dela.
Do camarote a divisão se erguia
Apenas entre nós - e eu vivia
No doce alento dessa virgem bela...*

*Tanto amor, tanto fogo se revela
Naqueles olhos negros! Só a via!
Música mais do céu, mais harmonia
Aspirando nessa alma de donzela!*

*Como era doce aquele seio arfando!
Nos lábios que sorriso feiticeiro!
Daquelas horas lembro-me chorando!*

*Mas o que é triste e dói ao mundo inteiro
É sentir todo o seio palpitando...
Cheio de amores! E dormir solteiro!*

A inacessível musa, apresentada inicialmente como a “virgem bela”, exibe, paradoxalmente, olhos negros em fogo, “seio arfando” e um “sorriso feiticeiro”. No desfecho, predomina a adesão à forma corpórea da “alma donzela” e o lamento em tom jocoso de um sujeito poético diante da impossibilidade de concretização do desejo sensual. O tom risível presente no final do poema desconstrói a dramaticidade sentimental da conquista amorosa. E mais uma vez temos a crítica ao código poético voltado ao amor de natureza ideal. Assim, a mulher, ícone supervalorizado pela literatura ultra-romântica, não escapa do processo de desidealização.

2 Considerações finais

Consciente de que a transcendência total é limitada ou impossível, e tendo flagrado uma crise histórica de toda idealização ou transcendência mística, o escritor romântico levou a poesia em direção ao que há de mais próximo: a vida terrena. Nesse sentido, o caráter absoluto da arte, elevada à condição de atividade superior da alma do homem, que renega a realidade concreta ou a presença de elementos prosaicos na elaboração literária, é deliberadamente comprometido. Entrava em cena a invasão do real no seio da poesia.

Assim, o fazer poético dual intensamente presente na poesia de Álvares de Azevedo ratifica mais uma vez uma proposta que visa o trânsito de elementos díspares no mesmo espaço textual, possibilitando a fusão binômica, através da abordagem de temas afins com perspectivas distintas, demonstrando a sua consciência da diversidade para a abertura de diferentes pontos de vista em uma mesma poética, além de ser reflexo de um comportamento romântico de revisão à noção de gênero fixo, puro, que o levou a optar pela possibilidade de mistura, pela simultaneidade de diversos gêneros numa mesma obra.

De um modo geral, o gênero lírico amoroso, a dessacralização das imagens consideradas essencialmente poéticas, como as da mulher virtuosa e da natureza, tornam-se assuntos através dos quais Álvares de Azevedo expõe sua visão a respeito da atividade literária contemporânea, tomando-os como temas propícios para emitir juízos críticos a respeito do modo como o Romantismo estava sendo desenvolvido na época.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Álvares de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

CANDIDO, Antonio. Álvares de Azevedo, Ariel e Caliban. *In: Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. *In: AZEVEDO, Álvares de. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

CAMILLO, Vagner. **Risos entre pares**: Poesia e humor românticos. São Paulo: EDUSP/FAPESP. 1997.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura brasileira**. 7. ed., Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1980.